

A CAPOEIRA CONTEMPORÂNEA: ANTIGAS QUESTÕES, NOVOS DESAFIOS.

Vivian Luiz Fonseca¹

CPDOC/ Fundação Getúlio Vargas

Rio de Janeiro, Brasil

vivianluizfonseca@gmail.com

Recebido em 5 de março de 2008

Aprovado em 15 de março de 2008

Resumo

A capoeira se configura enquanto um terreno de tensões, podendo ser divididas em duas categorias centrais: internas e externas. Nesse artigo analisarei a formação dessas tensões internas, presentes a partir da criação e desenvolvimento das suas escolas de capoeira mais famosas (Angola e Regional). Será objeto de estudo, também, a tensão externa que hoje se manifesta na relação entre os capoeiristas e o CONFEF/ CREF, que tentam vincular a capoeira ao campo da Educação Física.

Palavras-chave: capoeira; história da educação física; história do esporte

Abstract

The contemporary capoeira: old questions, news challenges.

The practice of capoeira is a branch of activity full of tension, which can be divided in two central categories: inners and outsiders. In this article I will analyse the formation of these inner tensions, which are current since the creation and development of the two more famous capoeira schools (Angola and Regional). The Outsider tension will also be analyzed in this article. It is collocated by the relation between 'capoeiristas' and CONFEF/ CREF, which wants to annex capoeira as a Physical Education field.

Keywords: capoeira; history of physical education; sport history

Pensar atualmente na capoeira como uma atividade esportiva não parece conter nenhum erro. Por outro lado, a pesquisa histórica nos mostra que a capoeira não foi

¹. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais do CPDOC / FGV. Bolsista de mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro Carlos Chagas Filho – FAPERJ.

sempre encarada desta maneira. Se hoje, pode-se falar em capoeira atrelada às tensões na definição do esporte, antes dos anos 1930, mais claramente, essa seria uma relação pouco frutífera.

Esta década acabou se consolidando como um grande marco para a capoeiragem, tendo sido criadas, em Salvador, as escolas de capoeira Regional e capoeira Angola, identificadas, respectivamente, com os mestres Bimba e Pastinha. Foi na capital baiana que a capoeira pela primeira vez deixa de ser praticada nas ruas e passa a ser ensinada em espaços fechados. É nesse momento também, que podemos pensar numa institucionalização e desportivização da prática.

Essas duas correntes serão protagonistas de disputas por autenticidade na capoeira, movimento este que pode ser visto até os dias de hoje. Essa busca por legitimidade é realizada por todos os grupos de capoeira que tive a oportunidade de conhecer durante a minha pesquisa de campo. Pode-se, neste caso, entender que essa legitimidade é buscada através de um vínculo com o passado, algo que coloque determinado mestre como herdeiro de alguma tradição reconhecida da capoeira. Dessa maneira, não é incomum que durante essa tentativa de afirmação de verdadeiros herdeiros, os mestres atuais mobilizem a figura dos mestres Bimba e Pastinha, senão como seus próprios professores, ao menos como mestres de seus mestres. Não obstante, esses mestres são rotineiramente referência também pela negativa, ou seja, alguns mestres colocam-se como guardiões de uma tradição anterior a essas duas criações, algo como a capoeira jogada pelos negros do tempo da escravidão ou, ainda, a capoeira jogada durante os primeiros anos republicanos. Nesse sentido, podemos entender a capoeira como um *campo* permeado de tensões e disputas, sendo elas calcadas pela questão da autenticidade. Tendo em vista essas questões, o presente trabalho analisará a constituição do *campo* da capoeira, procurando compreender o que está em jogo nessas disputas. Para além dessas questões internas, a partir da década de 1990 assiste-se a um novo tipo de disputa que vem mobilizando os capoeiristas e mestres: a tentativa de regulamentação da capoeira enquanto saber atrelado ao Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e aos respectivos Conselhos Regionais (CREFs). Para estes conselhos, a capoeira se configuraria como uma luta e, portanto, sob responsabilidade do CONFEF/ CREF. Para tanto, seus profissionais deveriam ser obrigados a se registrarem juntos aos seus órgãos e, caso não tenham diploma universitário no curso de

Educação Física, deveriam no mínimo realizar cursos de atualização oferecidos nos Conselhos Regionais.

Esse se configura como um novo terreno de tensões com o qual as capoeiras (visto que são várias escolas e estilos) têm sido obrigadas a jogar e que tem feito com que os mestres e professores repensem o próprio meio profissional. Esse outro tipo de disputa, a que me refiro como externa, será, portanto, objeto de análise neste artigo à medida que se configura como um aspecto relevante para se entender as tensões no ‘mundo’ da capoeira atualmente.

Como apontado anteriormente, não se pode pensar em capoeira relacionada a esporte desde seus primórdios, tendo a capoeira experimentado outros sentidos ao longo do período imperial e da Primeira República. Para que se possa compreender o processo de formação das duas escolas (Angola e Regional), é preciso recuar no tempo, apontando como a capoeira foi tratada ao longo do século XIX e início do XX.

Os capoeiras no Rio de Janeiro ao longo de todo o século XIX tiveram participação ativa na vida da cidade, recheando não só os registros policiais, como também os textos de cronistas e viajantes. Fato é que, pelas inúmeras menções que encontramos à capoeira neste século, dificilmente algum morador da cidade não saberia nos descrever algum acontecimento em que uma malta², ou algum capoeira não estivesse envolvido.

Majoritariamente negra e escrava no início do século XIX, a partir de 1850 seu perfil se alarga, passando a abarcar livres e libertos, contando ainda com uma grande parcela de mestiços e, no último quartel, principalmente, brancos – brasileiros e estrangeiros – além de contar com capoeiras oriundos não somente das classes menos favorecidas, como também membros da elite, como é o caso de Juca Reis, filho do Conde de Matosinhos. Esses capoeiras, ao longo do XIX, agrupavam-se em maltas, sendo cada uma ligada a uma região específica da cidade e contando com símbolos específicos de identificação, como cores. Elas reuniam pessoas de origens bastante diversificadas, tanto étnicas quanto geográficas, entrando em conflito de forma recorrente pelas ruas da cidade do Rio, o que gerava feridos não só entre os capoeiras, mas também entre transeuntes. Eram igualmente comuns suas aparições públicas à frente de paradas militares, procissões e desfiles carnavalescos. Na verdade, as maltas

². Para saber mais do assunto, consultar SOARES (2001), capítulo 05; SOARES (1999).

chegaram a funcionar como verdadeiras forças paramilitares, exercendo o papel de capangas eleitorais, e pesando na decisão de eleições no fio da navalha.

Apesar de muitas maltas e capoeiras serem apadrinhados por personalidades públicas importantes ao longo do Império, eles foram alvo da repressão oficial. Sua imagem na sociedade era, em geral, negativa, e os jornais e revistas de época, como foi o caso do jornal *Novidades*, os criticavam duramente.



A Lamparina. 1 Caricatura de 1906 de autoria de Calixto. Fonte: <http://www.nestorcapoeira.net> (Acesso em 10 de Março de 2008)

Com freqüência, circulavam notícias sobre o que seria um terror vivido por setores da sociedade, denunciando-se as ‘audácias’ dos capoeiras, que andavam pelas ruas com suas navalhas, em plena luz do dia, ameaçando os chamados ‘homens de bem’ da cidade. Críticas eram feitas ao governo, acusando-o de, embora pregar oficialmente a repressão, acobertar, em diversos casos, aqueles ‘marginais’ e de não ter uma ação policial efetiva que desse fim àquela ‘praga’ que ‘manchava’ a civilização brasileira. Nesse contexto, é importante colocar em evidência um caráter dúbio de ação por parte dos componentes do Império: ora visando a eliminação da prática, ao menos oficialmente, já que em muitos dos casos essa empreitada policial contra os capoeiras aparecia apenas como uma tentativa de resposta às pressões das elites; ora buscando um aliciamento das maltas de acordo com interesses políticos.

Posteriormente, com a instauração do Regime Republicano, os esforços no sentido de construir uma nova identidade nacional, marcando sua distinção em relação

ao Império, impactos importantes foram produzidos sobre a capoeira. Identificada à monarquia pelo fato de muitos capoeiras terem chegado a figurar entre os integrantes da Guarda Negra, ela passou a ser efetivamente reprimida, chegando mesmo a ser incluída no Código Penal de 1890. Um dos grandes nomes nessa empreitada republicana contra a capoeira foi Sampaio Ferraz, primeiro chefe de polícia do novo regime no Rio de Janeiro. Ele ficou conhecido como o grande aniquilador da capoeira na capital durante os primeiros anos do recém-instalado governo. Outro nome importante nessa empreitada republicana, agora na Bahia, foi o chefe de polícia Pedro Azevedo Gordilho. Anteriormente, durante o Império, a capoeira era vista de maneira depreciativa majoritariamente por setores da sociedade, os chamados 'homens de bem', porém a República será a grande responsável em relacionar oficialmente a imagem do capoeira à do malandro e vagabundo, que sem ter qualquer tipo de trabalho, ganharia a vida com pequenos delitos, somente trazendo prejuízos à sociedade. Porém as estatísticas nos mostram que, nos registros policiais, apenas 20% dos capoeiras presos no Rio de Janeiro não apresentam inserção definida no mercado de trabalho, sendo os outros 80%, em grande parte, composto por trabalhadores do setor de serviços (BRETAS, 1991).

Orientados por uma perspectiva romântica, folcloristas como José Alexandre Mello Moraes Filho (1946), Henrique Maximiano Coelho Neto (1928), Adolfo Morales de Los Rios (1926), entre outros, buscaram, também durante o período Republicano, fazer uma releitura da capoeira, apresentando-a de forma positiva, como esporte nacional por excelência, legando ao capoeira o posto de herói nacional. De acordo com Mello Moraes Filho, deveria ser esquecida aquela capoeira identificada com tumultos e com a temida navalha, fazendo alusão à boa capoeira e às maltas do passado, anteriores a 1870. Afirmava-se, ainda, que o tempo no qual a capoeira se criminalizou foi apenas um intervalo em nossa história, um intervalo que já teria terminado. Coelho Neto chega inclusive a defender o ensino de capoeira nas escolas e nas Forças Armadas, servindo, nesta última, como método de defesa corporal. Outro defensor da capoeira como um esporte nacional foi Aníbal Burlamaqui (1928), que chega inclusive a publicar um

manual no qual propõe um regulamento para a capoeira, assim como critérios para



futuras competições.

Capa do livro de Anibal Burlamaqui de 1928. Fonte: <http://www.nestorcapoeira.net> (Acesso em 10 de Março de 2008)

Essa releitura positiva da capoeira foi realizada não só por folcloristas, mas também por alguns setores militares e civis comprometidos com a elaboração de um método nacional de educação física. Influenciados pela presença da Missão Militar Francesa, que ficou no país no período entre as duas Guerras Mundiais, as Forças Armadas se viam não só como responsáveis pela defesa do Brasil, mas sim constituindo uma ‘escola de nacionalidade’. Segundo Celso Castro, “o Exército via-se ideologicamente ligado à Nação, entidade da qual, mais que guardião, era também formador” (1997: p. 62). Dentro desse projeto, durante o século XIX, na Europa, estava o desenvolvimento de métodos de educação física, pois era preciso mais do que construir cidadãos moralmente comprometidos com a Nação, mas sim corpos disciplinados para servirem à mesma. Tendo o Exército brasileiro utilizado no país o método francês³. A idéia era de tornar obrigatório o ensino de Educação Física em todos os níveis de ensino, para que, também, ao entrarem no Exército quando atingissem a

³. O método francês via-se comprometido com aos ideais de Nação e identidades francesas. O que fez com que militares e intelectuais da época pensassem no posterior desenvolvimento de um método brasileiro, mais de acordo com as especificidades nacionais.

maioridade, os futuros soldados já tivessem corpos preparados para as duras tarefas que lá encontrariam.

Adotado em 1921 pelos militares, o método francês permaneceu oficial até o fim do Estado Novo. Porém, em 1926 já se podiam ver defesas oriundas dos próprios militares sobre a necessidade de criação de um método nacional que viesse a substituir o francês. Nesse projeto, a capoeira era vista como a possibilidade de uma ginástica genuinamente nacional, uma vez que ao criá-lo, estariam em jogo concepções de quais seriam os elementos formadores da Nação Brasileira e dos brasileiros. Como dito acima, essa defesa foi feita não só por militares e, dentre os civis, a figura de Inezil Penna Marinho merece destaque. Uma das personagens mais importantes no cenário da Educação Física nacional, Penna Marinho integrou a Divisão de Educação Física do Departamento de Educação do Ministério da Educação e Saúde durante o Estado Novo. Apesar de existirem, décadas antes, outros autores que defendiam a capoeira enquanto o ‘esporte nacional por excelência’, antes mesmo de sua legalização, foi Inezil Penna Marinho, que escreve sua monografia nos anos 1940, quem ganhou maior visibilidade.

Seja defendendo a capoeira enquanto luta, manifestação folclórica ou esporte nacional, esses autores fazem parte de um grande conjunto de intelectuais de início do século XX comprometidos com uma ‘reabilitação da capoeira’ (PIRES, 2006), procurando mudar positivamente a visão que a sociedade tinha da prática e de seus praticantes. Mais do que isso, o que estava em jogo era que tipo de projeto de Nação seria colocado em prática e, sendo assim, quais aspectos seriam valorizados como fazendo parte de uma ‘cultura nacional’.

Apesar de ao longo de todo o século XIX e primeiros anos do XX, se ter notícias de capoeira nas cidades portuárias de modo geral, como Rio de Janeiro, Salvador e Recife (ASSUNÇÃO, 2005), é o Rio de Janeiro que aparece nos estudos sobre o século XIX, como sugere Carlos Eugênio Soares (1994; 2001), como o grande centro da capoeiragem. Nesta cidade, os autores apontam como sendo o local onde as maltas eram mais articuladas, havendo um grande número de capoeiras. Porém, a partir da década de 1930, a capoeira baiana se sobressairá em relação à carioca.

Não se pode afirmar um motivo que tenha levado a um deslocamento do eixo da capoeiragem do Rio para Salvador, mas conforme argumentado por Letícia Reis (1997), o tipo de repressão empregada em cada região nos anos que se seguiram à Proclamação

da República possa nos ajudar a levantar hipóteses. A repressão policial, segundo a mesma autora, parece ter sido mais rígida no Rio, pois, como capital do país, serviria como um exemplo para as outras cidades. Conforme apontado em outros estudos⁴, as maltas cariocas, findo o duro período de perseguição desenfreada, foram completamente desarticuladas, dificultando ações de maior expressão por parte dos capoeiras. Nos primeiros anos da República, as autoridades buscarão a todo custo dar cabo dessa ‘praga’ na civilização brasileira identificada, em grande parte, a uma política de apoio à Monarquia. Por outro lado, como colocado por Reis, em Salvador parece não ter havido uma estratégia tão eficiente na repressão e desarticulação dos grupos de capoeira, o que ajudaria na manutenção dessas redes nos subterrâneos da cidade. Uma repressão um pouco maior, mas de maneira esparsa, só se dará na Bahia entre os anos de 1920 a 1927, sob a administração do, já citado, delegado de polícia Pedro Azevedo Gordilho.

Outro motivo que pode nos ajudar a pensar como se deu essa mudança de eixo é colocado pela pesquisadora Simone Vassalo (2003), e diz respeito ao fato de que a partir dos anos 1930 os estudos sobre folclore começam a ganhar maior visibilidade, culminando com o Movimento Folclórico Brasileiro, anos mais tarde. Nesse sentido, “o paradigma culturalista emergente possui uma especificidade: classifica as expressões culturais em termos de pureza ou de degradação” (p.109). Nesse contexto, o Sudeste será identificado com a modernidade e o progresso, enquanto o Nordeste e suas manifestações culturais serão símbolos de uma tradição genuinamente brasileira. Essa mudança terá impacto nos estudos sobre capoeira e na visão da sociedade, sendo de grande importância para a mudança da memória da capoeira autêntica do Rio para Salvador.

Para se entender os processos de criação de duas das mais importantes escolas de capoeira do século XX, é preciso que se entenda o contexto pelo qual o país passava por volta dos anos 1930. Além da experiência de febre esportiva que permeava o Brasil, é importante que se tenha em mente o que representou, no cenário cultural, a Revolução de 1930 e as suas conseqüências para o país.

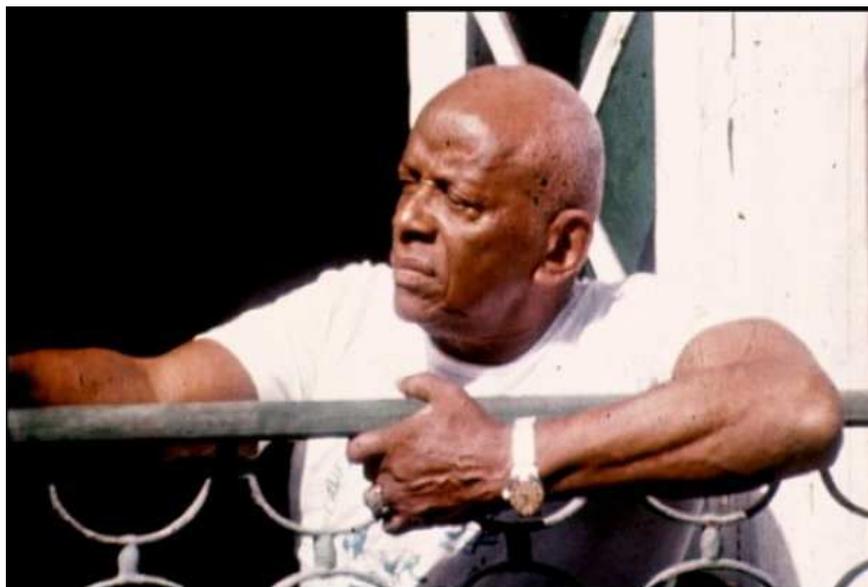
Desde o final do século XIX, a discussão sobre o caráter miscigenado de nosso povo ocupou local de destaque nas falas dos intelectuais. Entretanto, é preciso ressaltar que a visão dos mesmos acerca do assunto experimenta uma mudança, mais clara a

⁴. BRETAS, M.L. (1989; 1991); FONSECA, V.L. (2006); HOLLOWAY, T. (1997); PIRES, A.L. (1996); REIS, L.V. (1997); SOARES, C. (1994).

partir dos anos 1930 com a subida de Getúlio Vargas ao poder. Desde o século XIX até o início do XX, se mostravam em vigor teorias evolucionistas, formuladas pelos intelectuais da época, e gozando de grande prestígio na sociedade. Na época, intelectuais como Nina Rodrigues, Oliveira Viana e Euclides da Cunha, dentre outros, se perguntavam o porquê do atraso e do subdesenvolvimento brasileiro. A razão para tal subdesenvolvimento foi creditada ao caráter mestiço de nossa população, pois ao se misturar o branco com o negro e o índio, teriam sido gerados sujeitos que congregavam as piores características de cada ‘raça’. Sendo assim, para resolver tal problema, era preciso embranquecer a população, estimulando a migração de estrangeiros brancos – europeus – e reprimindo as manifestações culturais que pudessem oferecer ligação com essas duas raças ‘inferiores’ que constituíam a Nação. É também nesse contexto que o samba encontrava-se marginalizado. Estimulavam-se práticas culturais européias que pudessem dar uma nova faceta à nossa população, civilizando-a.

Com a chegada de Getulio Vargas ao poder, a partir de 1930, aprofundando-se ao longo do Estado Novo, passa a operar um novo processo de construção da identidade nacional, tomando-se agora como referência negativa a I República. Nesse processo, a figura do mestiço não foi vista de maneira negativa, ao contrário, “nossa coloração vira ponto de mérito” (Pereira, 2003: p.157), ressaltando-se o ideal de um Brasil mestiço. Segundo observa Lília Schwarcz (1993), a cultura que foi escolhida como a representante oficial do Brasil nos anos 1930 foi a mestiça, procurando um resgate ou criação (como é o caso do balé) de manifestações ‘genuinamente brasileiras’ em diversas esferas. Nesse quadro a capoeira deixou de ser considerada prática ilícita, deixando de figurar no Código Penal em 1937.

No entanto, não seria qualquer capoeira que Vargas apoiaria. Nesse momento uma capoeira ‘malandra’ das ruas daria lugar a uma capoeira ‘institucionalizada’. É justamente na Bahia, onde a repressão a capoeiragem se deu de maneira menos intensa que veremos essa valorização acontecer com a capoeira através da figura de mestre Bimba.



Mestre Bimba 1. Fotografia retirada do material de divulgação do filme “Mestre Bimba – a capoeira iluminada”.

Manoel dos Reis Machado, mestre Bimba, como ficou conhecido, nasceu em 23 de novembro de 1899, na freguesia de Brotas, em Salvador, Bahia. Era filho de Luiz Cândido Machado, ex-escravo, e Maria Martinha do Bonfim, descendente de índios. Iniciou a capoeira com cerca de 12 anos, mas nessa época já tinha familiaridade com as técnicas do batuque, uma vez que seu pai era muito famoso nessa modalidade. Seu professor, segundo relata Muniz Sodré (2002), era um mestre da capoeira antiga, anterior à divisão em diferentes estilos, chamado Bentinho.

Após o período de dura repressão à capoeira e seu processo de domesticação, aprofundaram-se as características lúdicas da prática, enfraquecendo o lado guerreiro do jogo (Sodré, 2002). Essa era uma questão que inquietava mestre Bimba e, segundo relata mestre João Pequeno em depoimento cedido no documentário *Pastinha: uma vida pela capoeira!* (Muricy, 1998), fez com que o primeiro fosse criar alternativas a esse jogo, culminando na criação da luta Regional. Despontando como grande lutador que vencia a todos e enfrentava a quem estivesse disposto a desafiá-lo, Bimba começa a ser conhecido no cenário baiano e aos poucos sua fama vai ganhando outras regiões do país.



Mestre Bimba 2. Retirado de materiais comemorativos da Associação de Capoeira Mestre Bimba em 2004. Não foi possível identificar em qual jornal baiano saiu essa reportagem.

Sua criação, a luta Regional baiana, passa a ser chamada de capoeira Regional pela fama que o mesmo usufruía de grande capoeirista. Bimba inova no ensino da capoeira, criando um método de ensino que se baseava na repetição, durante os treinamentos, de algumas seqüências de golpes utilizados na roda.

Era uma capoeira que incorporava alguns golpes que objetivassem facilitar a defesa pessoal e, ainda segundo Sodré, em 1928 Bimba dizia já ter pronto seu método: “Em 1928, eu criei, completa, a Regional, que é o batuque misturado com a Angola, com mais golpes, uma verdadeira luta, boa para o físico e para mente” (Sodré, 2002: p.50).

Quanto à sua criação, segundo aponta Sodré, Bimba declara a um repórter do jornal *A Tarde* que havia retirado os “mendengues, cangapés, cabriolas e saracoteios, para acrescentar o que de mais pesado havia no batuque (as bandas: banda de frente, banda amarrada; a encruzilhada) e invenções, como a vingativa, a baiana, a queixada, a bênção, o martelo⁵” (Sodré, 2002: p. 50). Em 1932, Bimba ganha uma permissão oficial para ministrar suas aulas em uma academia, em Salvador. Ou seja, de uma prática de rua ela passa a ser ensinada em espaços fechados, antes mesmo de sua descriminalização, que ocorrerá somente cinco anos depois.

Em 1936 Bimba dá início a uma série de lutas de ringue. Nesse ano serão quatro: contra Vitor Benedito Lopes, Henrique Bahia, José Custódio dos Santos e Américo

⁵. As primeiras movimentações descritas são proferidas com o objetivo de desequilibrar ou derrubar o outro jogador e, os últimos, são golpes bastante utilizados na regional, sendo de grande eficiência no jogo.

Ciência. As lutas aparecerão com destaque na imprensa baiana, fazendo parte dos eventos comemorativos da inauguração do Parque Odeon da Praça da Sé. Graças a sua força muscular – ele tinha 1,90m de altura e 90 quilos – aliada à técnica, mestre Bimba derrotou seus adversários tendo a luta mais longa durado 01 minuto e 10 segundos e ajudando a espalhar a fama da Regional e de seu criador, comprovando assim sua eficiência (Sodré, 2002). Enquanto os antigos capoeiras acusavam-no de estar descaracterizando a capoeira, a continuidade com uma suposta tradição era buscada dentro de uma tradição carioca, que já realizava embates entre capoeiras e outros lutadores, como a famosa luta entre Manduca da Praia e um português jogador de pau, que logo no início, ao primeiro golpe do capoeira, caiu ao chão. Na busca por continuidade, a criação de Bimba aparecia como um resgate da tradição de um combate duro que estaria desaparecendo na Bahia, sendo essa relação feita pelos discípulos do mestre. Por outro lado, ainda na Bahia, havia mestres que mantinham essa capoeira de rua, mais dura, em locais específicos como na Ladeira do Tabuão na década de 1920 e mais tarde na Gengibirra, ambos locais de encontro da nata da capoeiragem baiana.

Mestre Bimba promove, com o seu método e o ensino em academias, uma institucionalização da capoeira e, ganhando fama, chamará a atenção do então presidente da República Getúlio Vargas, que assistirá à uma apresentação de Bimba e seus alunos. Bimba faria outras apresentações nas instalações do Governo da Bahia, o que indica o seu prestígio na época.

Conforme estabelece Soares (Muricy, 1998), Vargas, ao sentir a força da capoeira frente a grande expansão na sociedade, baixará um decreto que a tirará da ilegalidade. A capoeira escolhida por Getúlio, nesse sentido, seria a Regional, que mais se adequaria ao projeto de disciplina do homem estabelecido no Estado Novo (Figueiredo, 1941). Também pode ser levado em consideração que Bimba, ao menos nos relatos de ex-alunos que Muniz Sodré (2002) utiliza em sua obra, sempre procurou agir de acordo com a ordem, tendo como exemplo ocasiões nas quais o mestre querendo fazer uma apresentação de sua capoeira em locais públicos, buscava arrecadar verba para conseguir licenças oficiais. É preciso ressaltar que essa atitude do presidente foi possível, em parte, graças à mudança na visão da sociedade com relação à capoeira. Após a repressão republicana, os capoeiras deixam de figurar em jornais e crônicas

como capangas eleitorais ou desordeiros, e a capoeira começa a ser vista como um traço lúdico de nossa cultura (REIS, 1997).



No primeiro plano, Mestre Bimba e o presidente Getúlio Vargas. Foto retirada em 1953 e armazenada no Arquivo Getúlio Vargas do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea Brasileira (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Bimba tinha como seus alunos tanto jovens da classe média quanto os mais humildes e pobres, aos quais buscava ensinar a se defenderem da realidade dura das ruas. A academia que o mestre criou levava o nome de Academia de Luta Regional Baiana – justamente de onde se tirou o nome capoeira Regional – e fez tanto sucesso que em 1942 o mestre já instalava sua segunda academia. Frente a grande repercussão de seu estilo, podemos assistir um movimento contrário dentro da capoeira: os antigos praticantes, anteriores a criação da Regional, começam a marcar a diferença quanto à capoeira que praticavam, nomeado-a de Angola. Denominando dessa maneira a sua prática, demarcando seus vínculos com a tradição africana, buscavam afirmar que eles sim jogavam a verdadeira capoeira. Com isso, buscavam deslegitimar o novo estilo, afirmando que não podia ser entendido como capoeira.

Aproximadamente na mesma época em que Bimba criava na Bahia a luta Regional, no Rio de Janeiro se tem notícias de Agenor Moreira Sampaio, conhecido como Sinhozinho de Ipanema.



Sinhozinho 1. Fotografia datada de 1935. Fonte: <http://www.portalventrelivre.com> (Acessado em 08 de Março de 2008).

Sinhozinho nasceu em 1891, Santos, filho de um tenente-coronel e chefe político local, e descendente de Francisco Manoel da Silva, autor do Hino Nacional Brasileiro. Esses dados nos permitem perceber que Sinhozinho, como seu próprio apelido sugere, não provinha das classes baixas, fazendo parte das camadas mais favorecidas. Sua clientela também era composta por rapazes de classe média, em geral jovens de Ipanema e Copacabana (LOPES, 2005). Ele teria aprendido capoeira nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, para onde se mudara com sua família. Aprendeu boxe e luta greco-romana, e achando que a capoeira se mostrava pobre para a luta, principalmente a ‘agarrada’, resolveu aplicar alguns dos golpes aprendidos nas outras lutas à capoeira. O seu aluno mais famoso foi Rudolf Hermann, campeão de judô e professor de educação física atualmente. Hermann, citado por Sodré (2002: p. 63), depõe sobre seu mestre:

A Capoeira de Sinhozinho se aproximava mais da Regional do que da Angola. Seleccionados os golpes que lhe pareciam mais eficazes, Sinhozinho impunha a seus alunos um rígido treinamento esportivo, fazendo-os aplicar os golpes em sacos e bolas, até que alcançassem precisão e eficiência, além de usar artifícios engenhosos para desenvolver suas habilidades. Sem canto ou ritmo marcado, sua capoeira revela, apenas, a face de luta dessa atividade. Sacrifica a beleza do som e da imagem na busca de objetividade.

Apesar da capoeira que praticava em seu local de treinamento guardar algumas semelhanças com a capoeira de mestre Bimba, Sinhozinho levou o objetivo de luta mais longe que o mestre. Em seu Clube, a prática de capoeira era acompanhada de

levantamento de peso, ginástica em aparelhos, boxe etc. As semelhanças com a capoeira de Bimba se davam, pois ambas tinham um sentido ginástico e pugilístico desenvolvidos, indo além da questão da brincadeira, uma vez que, como já foi dito, Bimba procurava justamente resgatar o caráter combativo da capoeira. No entanto, o que se mostra curioso de perceber é que Sinhozinho e Bimba realizaram seus projetos quase que paralelamente, sem um saber do trabalho que o outro estava realizando. A existência de projetos de capoeira em alguns aspectos semelhantes pode ser explicada, conforme coloca Sodré porque “esse tipo de capoeiragem, destinado à porrada de rua sem intenção de matar, já habitava o espírito do tempo e, por isso, podia encarnar-se de modo parecido em personagens e lugares diferentes” (2002: p. 64). Faço menção à capoeira de Sinhozinho aqui, justamente para mostrar que a capoeira que Bimba criou, por mais original que seja, é um produto datado, ou seja, marcado por um contexto histórico pelo qual passava nosso país. Igualmente, é a capoeira Angola, que tem como um de seus representantes mais expressivos, Mestre Pastinha, que também criou seu próprio método de ensino, e a ministrar aulas em uma academia, intitulada de Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA) em 1941.

Vicente Ferreira **Pastinha** nasceu em Salvador, na Bahia, em 05 de Abril de 1889. Filho de uma mulata baiana e de um comerciante espanhol, Pastinha aprendeu capoeira ainda na infância, através dos ensinamentos de um africano chamado Benedito, buscando aprender a se defender depois de muito apanhar de um menino de seu bairro.

Aos 12 anos entrou na Escola de Aprendizes de Marinheiro e, posteriormente, para a Marinha, lá permanecendo até os 20 anos. Em 1910 deu baixa e começa a dar aulas de capoeira num espaço onde funcionava uma oficina de ciclistas. Ainda na Marinha teve contato com esgrima, florete e ginástica sueca, o que nos mostra que teve contato com outros estilos de luta que não a capoeira. A capoeira do mestre foi mais valorizada por folcloristas e intelectuais da época⁶ do que pelo governo, que privilegiou a capoeira Regional. Paralelo a sua atividade como professor de capoeira, Pastinha realizava outros ofícios, trabalhando em pequenos serviços como pintor e marceneiro, por exemplo. Em 1922, Pastinha passa a dar suas aulas de capoeira em um local que ficava perto de uma pensão de estudantes universitários, o que fez com que muitos

⁶. Esse será o caso de Édison Carneiro que, em seus Cadernos de Folclore, ressalta a capoeira de Pastinha e de Samuel Querido de Deus, por exemplo, ao invés da capoeira Bimba, que não será mesmo mencionada. Em parte, isso se dará pelo caráter marcadamente marcial de sua capoeira.

desses jovens de camadas mais altas da sociedade passassem a freqüentar suas aulas – fato este ressaltado por Pastinha em muitas entrevistas. Em 1941, já identificado como praticante de capoeira Angola, funda sua própria academia intitulada de Centro Esportivo de Capoeira Angola. Juntamente com Bimba, Pastinha foi um dos primeiros a legalizar a sua escola de capoeira, conforme nos mostra Vassalo (2003). Ao denominar sua escola de treinamento de Centro Esportivo Pastinha inova, colocando a capoeira Angola, que seria por ele e por seu grupo identificada como a mantenedora de uma tradição autêntica, enquanto esporte. Pastinha tinha claro um objetivo que ele mesmo declararia anos mais tarde: organizar a capoeira: “Eu registrei a capoeira, criei um estatuto, batizei, coloquei um Presidente no Centro, que hoje é presidente na Assembléia, eu organizei a capoeira”.⁷

Pastinha também acabou criando um uniforme que até hoje é identificado como de angoleiros⁸, composto pela calça preta e camisa amarela, cores do time de futebol do mestre, o Sport Clube Ypiranga. Ao longo de sua vida, Pastinha estabeleceu laços de amizade com importantes intelectuais baianos que muito o ajudaram na tarefa de projetar sua imagem, como Jorge Amado e o artista plástico Carybé. Em depoimento no documentário citado anteriormente (Muricy, 1998), Jorge Amado afirma que da ‘nossa cultura mestiça’, duas coisas tiveram grande importância no país: o candomblé e a capoeira (Angola). O apoio desses intelectuais (em geral de esquerda) a Pastinha pode ser explicado dentro do contexto ao qual estavam ligados: buscando uma manifestação pura, em detrimento a práticas modificadas e, portanto, sem autenticidade. Eles também foram fundamentais para a divulgação da nomenclatura Angola dentre a sociedade colocando-a como um ideal de pureza em detrimento à criação de Bimba, como afirma Jorge Amado citado por Simone Vassalo:

Trava-se atualmente nos arraiais da capoeira na Bahia uma grande discussão. Acontece que mestre Bimba foi ao Rio de Janeiro mostrar aos cariocas da Lapa como é que se joga capoeira. E lá aprendeu golpes de catch-as-catch-can, de jiu-jitsu, de boxe. Misturou tudo isso à capoeira de Angola, aquela que nasceu de uma dança dos negros, e voltou à sua cidade falando numa nova capoeira, a ‘capoeira Regional’. Dez capoeiristas dos mais cotados me afirmaram, num amplo e democrático debate que travamos sobre a nova

⁷. *O Estado de São Paulo*, 16 de novembro de 1969.

⁸. Diz-se angoleiro o praticante da Capoeira Angola. Seus praticantes formam um grupo tão fechado e com uma identidade de grupo tão forte que criaram essa terminologia para se diferenciarem dos outros praticantes de capoeira. O mesmo não existe pelo lado da Capoeira Regional, seus praticantes se chamam por uma denominação mais geral, capoeiristas.

escola de mestre Bimba, que a 'Regional' não merece confiança e é uma deturpação da velha capoeira 'Angola', a única verdadeira. (Vassalo, 2003: p. 119)



Mestre Pastinha 1. Fotografia Pierre Verger.
Foto de número 26559, do Acervo da Fundação Pierre Verger, tirada no período entre 1946-1978.
Fonte: <http://www.pierreverger.org/br> (Acessado em 12 de Março de 2008).

Apesar desse projeto de legitimação da Angola como a verdadeira capoeira, Simone Vassalo acredita que deve-se considerar as origens ibéricas de seu pai, que em algum aspecto pode o ter influenciado. Também rotineiramente esquece-se de mencionar o contato que o mestre teve com outras lutas em sua juventude e que podem ter interferido em sua maneira de jogar. Até mesmo o contato com esses próprios intelectuais pode ter contribuído por mudanças em sua visão de mundo, recaindo sobre a maneira pela qual gerenciava sua capoeira. Indo a contramão ao que estabelece Jorge Amado no texto acima citado, Muniz Sodré é categórico em afirmar que Bimba não teria tido contato com a capoeira praticada nas ruas do Rio, mais especificamente com a de Sinhozinho. Esse dado é relevante à medida que mostra que se buscava deslegitimar a capoeira de Bimba, sempre colocando-a como uma mera deturpação de uma verdadeira capoeira, ou ainda uma cópia de uma capoeira de outra localidade.

Ao longo das décadas, foi-se forjando uma suposta rivalidade entre os dois mestres: Bimba e Pastinha, já que são eles evocados como os verdadeiros detentores de um saber autêntico da Regional e da Angola, respectivamente. Por outro lado, a partir

de depoimentos de ambos, podemos perceber que essa rivalidade ocorria entre seus alunos e por parte dos intelectuais que apoiavam Pastinha, mais preocupados com um ideal de pureza, do que os próprios mestres. Esse vínculo com a verdadeira capoeira se mostrava importante, pois identificaria quem teria maior prestígio tanto nas rodas, como nas outras esferas que esses alunos viriam a circular. De qualquer maneira, numa prática onde a linhagem se mostra fundamental, estar vinculado com qualquer um dos dois grandes mestres da capoeira será essencial para os alunos que buscarão seguir sua vida dentro da capoeira.

Ambos os mestres tinham um projeto de organização da capoeira, que antes era identificada como ‘coisa de malandros’, nas palavras do etnógrafo francês Pierre Verger⁹ no documentário supracitado. A visão de organização de Pastinha será fundamental na ação de se contrapor ao grande crescimento da capoeira Regional e, talvez por isso, os outros mestres aceitarão a posição de liderança de Pastinha. Este, por sua vez, buscava a diferença com a Regional não só pelo caráter de ancestralidade da prática, mas afirmando que a capoeira Angola buscava desenvolver a mente e o corpo, e o angoleiro deveria ‘conhecer o ritual, saber brincar e ser malicioso muito mais do que ter uma simples eficiência marcial dos golpes’. Rixas à parte, é característica reconhecida por quase todos os ex-alunos de Bimba que na escola da Regional havia uma grande preocupação em afirmar a capoeira como luta, o que acabava fazendo com que ela aparecesse, às vezes, como uma prática violenta. Por outro lado Bimba, nas palavras de seus ex-alunos, era categórico em afirmar que o capoeirista deve saber perder e não deve se empenhar em uma briga ou luta que não tivesse chances, não incitando práticas de valentia desmedida¹⁰.

Seja na academia de Mestre Bimba, seja no casarão amarelo na Praça do Pelourinho, onde ficava localizada a academia de Pastinha, o número de visitantes era sempre alto, inclusive estrangeiros, o que possibilitava a manutenção dos locais de

⁹. Pierre Verger foi um fotógrafo francês que viveu durante muitos anos em Salvador, Bahia. Dedicou-se a pesquisar as culturas de origem africana, tendo viajado para a África em 1948. Tinha especial interesse na questão da Diáspora africana. Em grande parte, as fotografias de capoeira no período que vai da década de 1940 a finais da década de 1970 são de sua autoria. Fonte: <http://www.pierreverger.org/br>

¹⁰. Esse aspecto aparece na entrevista de história oral que realizei com o mestre Camisa (Rio de Janeiro, 21 de Março de 2006), e em outros eventos de capoeira nos quais antigos alunos dos mestres Pastinha e Bimba estiveram presentes e dos quais tenho a gravação de áudio. Por exemplo, o “Primeiro Seminário Projeto Capoeira Viva”, organizado pelo Museu da República no dia 21 de Novembro de 2006 no Rio de Janeiro, e o Encontro intitulado “Trajetória da Música na Capoeira” organizado em parceria pelo Instituto Jair Moura e pela Casa da Mandinga no dia 22 de Agosto de 2007 em Salvador, Bahia.

treinamento e os meios de sobrevivência dos mestres. Porém, após algumas décadas de grande prestígio, a Regional começa a decair na preferência de jovens, em parte, segundo coloca Sodré (2002), pela introdução e expansão na década de 1960 de inúmeras outras lutas estrangeiras, como o karatê e o kung-fu. É aproximadamente nessa época também que frente a grande concorrência na Bahia de casas de capoeira que realizavam apresentações e recebiam turistas, que alguns capoeiristas começaram a deslegitimar a capoeira de Pastinha, afirmando que ele seria não mais que uma invenção da mídia e de seu amigo Jorge Amado. O mestre, já parcialmente cego nessa época (após um derrame) continuava a jogar e a ministrar aulas¹¹, porém essa ‘onda’ de boatos sobre a falta de qualidade de sua capoeira afastaria muitos turistas de sua academia, diminuindo suas possibilidades econômicas. O outro grande golpe se deu quando em 1971 se viu obrigado a deixar o casarão onde funcionava sua escola na Praça Pelourinho, que pertencia à Prefeitura de Salvador. Conforme relata mestre Curió (MURICY, 1998), ex-aluno de Pastinha, a saída de Pastinha do casarão foi trágica. A prefeitura teria dito que o estava retirando de lá apenas por pouco tempo, para a realização de reformas. Porém, essa volta nunca aconteceu e, concluídas as reformas, o prédio foi dado ao Senac. Curió relembra também que seu mestre teria sofrido muito com o sumiço de grande parte de seus objetos pessoais durante as ‘reformas’ e com o descaso das autoridades. Em 1979, Pastinha consegue uma sala (num local mais afastado) para continuar suas aulas graças às intervenções de amigos influentes como Mário Cravo, Carybé e Jorge Amado, mas lá não conseguiria ficar por muito tempo. Muito doente, o mestre pararia de ministrar aulas e, seria novamente o amigo Jorge Amado que o ajudaria. Depois de muito insistir, consegue uma pequena pensão para que o mestre consiga pagar ao menos seus remédios. Dois anos depois, o famoso mestre de capoeira, conhecido no mundo inteiro, morre num asilo, completamente cego e na mais absoluta miséria. Sua última mulher conta que após recusar o caixão de indigente que o governo havia mandado para o enterro de Pastinha, só conseguiu pagar um caixão decente às custas de muitas vendas de acarajé (MURICY, 1998).

O destino de mestre Bimba também não foi muito diferente. Após o declínio do sucesso de sua criação, a luta Regional, Bimba se via igualmente em um estado de

¹¹. Seus alunos contam que nas rodas eles não chegavam muito perto do mestre, mesmo ele já cego. Perguntados se faziam isso em respeito, eles respondiam que não só por isso, pois se chegassem muito perto o mestre “sentiria” e então provavelmente, eles seriam atingidos com algum golpe.

pobreza. Tanto é que na década de 1970, a convite de um de seus ex-alunos Bimba se muda para Goiânia, em busca de melhores condições de vida. Pouco tempo depois, no ano de 1974, a 05 de fevereiro, mestre Bimba morre após um derrame, sem conseguir o que longe de casa foi buscar.

Mesmo após a morte, mestre Bimba e mestre Pastinha continuam sendo lembrados onde tocar um berimbau, fazendo parte do imaginário de todos os capoeiristas, não só no Brasil como no resto do mundo. Seus feitos são lembrados em todas as rodas seja nas músicas ou refazendo movimentações por eles criadas. Seus discípulos e os alunos de seus discípulos contribuem igualmente para a manutenção de suas memórias e hoje buscam mostrar seus vínculos de alguma maneira com seus mestres. Num momento no qual a capoeira se espalha pelo mundo, é fundamental ser reconhecido como pertencente à determinada linhagem. De preferência, uma que tenha ligação, de algum modo, com um importante mestre do passado, como foram Manoel dos Reis Machado e Vicente Ferreira Pastinha.

A capoeira contemporânea

As mortes desses mestres se dão no momento em que a capoeira inicia uma nova fase e que será fundamental para o seu reordenamento atual. Aproximadamente a partir da década de 1970, a capoeira começa a sua expansão pelo exterior, inicialmente nos países europeus.

Desde de antes da morte de mestre Bimba e mestre Pastinha, os capoeiristas, professores e mestres, na maioria das vezes, vêm buscando se identificar com alguma dessas duas escolas, ressaltando que em algum momento, se não foram alunos, ao menos estiveram ou jogaram com os mestres, e com eles detinham algum laço de amizade. Depois da morte de ambos, se evidencia uma intensificação desse processo, pois agora estaria em jogo quem seriam os verdadeiros herdeiros das duas ‘grandes tradições da capoeiragem’ que agora começavam a fazer sucesso pelo mundo todo. Presente em mais de sessenta países, a capoeira tem se configurado, segundo palavras do Ministro da Cultura, Gilberto Gil¹², como um dos principais meios de expansão e

¹². Discurso intitulado “Brasil, Paz no Mundo” proferido em 19 de Agosto de 2004 em Assembléia das Nações Unidas em Genebra, Suíça por ocasião das homenagens ao brasileiro Sérgio Vieira de Mello, embaixador da ONU em Bagdá.

divulgação da “cultura brasileira” no exterior. Todos os anos, milhares de estrangeiros¹³ viajam ao Brasil para praticar capoeira e conhecer os famosos mestres, de quem tanto escutam histórias, seja em músicas ou em conversas informais durante os treinamentos e rodas. Esses estrangeiros, que em seus países fazem aula de capoeira (normalmente com professores brasileiros que foram morar no exterior), também costumam convidar freqüentemente os mestres brasileiros de maior prestígio para ministrarem cursos e palestras em suas cidades. Não é somente no exterior que a capoeira se desenvolve: no Brasil também se pode assistir a um crescimento do número de praticantes, sendo a capoeira oferecida hoje em clubes e academias, e também em escolas e creches como atividade extracurricular, o que demonstraria um diferencial em relação aos outros estabelecimentos.

Nesses termos, passados quase trinta anos das mortes dos mestres Bimba e Pastinha, assiste-se a uma continuidade das tensões na disputa pela memória da capoeira autêntica. Somente os mestres reconhecidos como detentores de um saber autêntico, ou seja, herdeiros de tradições reconhecidas enquanto legítimas, serão chamados a ministrar palestras e cursos pelo Brasil e pelo exterior. Igualmente, serão esses mestres que serão beneficiados por editais públicos e privados¹⁴, que têm a finalidade de resgatar e ‘recuperar a memória de práticas genuinamente brasileiras’. As questões internas continuam a dividir e a provocar tensões no meio da capoeira, mobilizando determinados vínculos com os mestre do passado e com suas criações. No entanto, nas últimas décadas, mais claramente nos anos 1990, outra tensão tem ganhado destaque no ‘mundo da capoeira’ por todo o país.

Essa segunda tensão, que chamarei de externa, tem se evidenciado colocando de um lado, o Conselho Nacional de Educação Física (CONFEF) e seus órgãos regionais (CREF) e, de outro, os capoeiristas. O Estado brasileiro nesse caso tem se apresentado como um mediador, conciliando interesses de ambos os grupos, assim como seus próprios, à medida que nos últimos anos a capoeira tem se apresentado como um grande chamariz para a captação de recursos financeiros e divulgação de uma “imagem

¹³. Um exemplo são os Jogos Mundiais da ABADÁ - Capoeira que acontecem de dois em dois anos, normalmente no Rio de Janeiro. O último, único realizado fora do Rio, em Salvador, em agosto de 2007 reuniu mais de quatro mil pessoas de 39 países.

¹⁴. Como exemplo pode-se citar o edital do Governo Federal intitulado “Programa Capoeira Viva” (<http://www.capoeiraviva.org.br>), e o edital do Banco Itaú intitulado “Itaú Cultural” (<http://www.itaucultural.org.br>).

brasileira” no exterior. Esta tensão existe pois, em Setembro de 1998, é criada a lei 9696/98, que regulamenta a profissão de Educação Física e cria os Conselhos Federais e Regionais. Segundo o pesquisador Hajime Nozaki (2004), essa lei não delimita exatamente o que significa *áreas de atividades físicas e do desporto*, o que fez com que o CONFEF fosse complementando, gradualmente, essas noções por meio de normatizações internas. Ainda conforme Nozaki, essa

regulamentação da profissão foi apoiada em argumentos corporativistas de reserva de mercado e buscou desqualificar a ação dos assim denominados leigos, os quais, muitas vezes eram outros trabalhadores com formação de nível superior – dança, educação artística, música – ou com qualificação referente aos seus próprios códigos formadores – capoeira, yoga, artes marciais, lutas.

Nesta empreitada do sistema CONFEF/ CREF pela regulamentação do campo de trabalho do profissional de Educação Física, merece destaque a Resolução 046/02, que *Dispõe sobre a Intervenção Profissional de Educação Física* e define a sua capacitação, competências e atribuições necessárias (CONFEF, 2002). Esta resolução delimita da seguinte maneira a ação do profissional de Educação Física:

O Profissional de Educação Física é especialista em atividades físicas, nas suas diversas manifestações - ginásticas, exercícios físicos, desportos, jogos, lutas, **capoeira**, artes marciais, danças, atividades rítmicas, expressivas e acrobáticas, musculação, lazer, recreação, reabilitação, ergonomia, relaxamento corporal, ioga, exercícios compensatórios à atividade laboral e do cotidiano e outras práticas corporais, tendo como propósito prestar serviços que favoreçam o desenvolvimento da educação e da saúde, contribuindo para a capacitação e/ou restabelecimento de níveis adequados de desempenho e condicionamento fisiocorporal dos seus beneficiários, visando à consecução do bem-estar e da qualidade de vida, da consciência, da expressão e estética do movimento, da prevenção de doenças, de acidentes, de problemas posturais, da compensação de distúrbios funcionais, contribuindo ainda, para a consecução da autonomia, da auto-estima, da cooperação, da solidariedade, da integração, da cidadania, das relações sociais e a preservação do meio ambiente, observados os preceitos de responsabilidade, segurança, qualidade técnica e ética no atendimento individual e coletivo (ibid., p.6, grifo meu).

A partir dessa interpretação do que seria o campo de trabalho relacionado a Educação Física, vieram resoluções que tentavam proibir determinadas categorias profissionais, como os professores e mestres de capoeira, de darem aulas caso não se filiassem aos CREFs de suas localidades. Na verdade, tentou-se obrigar esses

capoeiristas a se graduarem em cursos de Educação Física ou, quando com idade avançada, a realizarem cursos pagos de atualização oferecidos pelo sistema CONFED/CREF. Para além disso, iniciou-se uma pressão junto às instâncias governamentais, como Secretarias de Cultura, e de Esporte e Lazer, para que não contratassem para seus projetos sociais, professores de capoeira não-filiados ao CREF. Nesses termos, muitos mestres e professores foram impedidos de oferecerem cursos, perdendo espaços de aulas conquistados há muitos anos.

Além da questão econômica, que se mostra importante, visto que a maioria esmagadora desses mestres se sustenta com as aulas de capoeira que ministram, estava em jogo quem seriam os verdadeiros detentores dos saberes na capoeira. Os mestres, *grosso modo*, são entendidos como guardiões máximos dos saberes e tradições na capoeira, a partir dos quais os grupos são formados e organizados. Muito mais que professores ou líderes, os mestres ocupam o lugar de formadores dentro de uma ‘escola de moralidade’ própria, que é a capoeira. Seguindo essa linha de raciocínio, não faria sentido para esses capoeiristas que um mestre, normalmente com mais de trinta anos de prática de capoeira, devesse se submeter a regulamentações de órgãos externos. A partir dessa lógica do CREF, estariam habilitados para ministrarem aulas de capoeiras os graduados em Educação Física que, ao longo da graduação tiveram quando muito, duas disciplinas de capoeira. Esse pensamento se justifica à medida que a capoeira, nessa visão, é entendida unicamente como luta e, como tal, faria parte do conjunto denominado como atividades físicas, que seriam de responsabilidade do professor de Educação Física.

Enxergando a capoeira a partir da lógica interna dessa prática, mostra-se impossível enquadrá-la dentro de um único significado. Mais que um conjunto de exercícios físicos, a capoeira compreende toda uma vinculação com a tradição, tendo como estruturadora a relação de seus praticantes com os mais velhos, os antigos mestres. Busca-se manter viva a sua história de luta e resistência nos tempos da escravidão. Igualmente, a capoeira tem forte não só o seu lado combativo, de luta, como também seus aspectos lúdicos e seu lado de dança e brincadeira. Enquadrá-la numa definição única seria, para esses capoeiristas, como desqualificá-la, esvaziando seu sentido de existir.

Outro aspecto importante nesse embate Capoeira x CONFEF/ CREF, seria o fato de que o profissional de Educação Física, quando muito, teria, ao longo de sua graduação, contato por um ano com a prática. Ora, no mundo da capoeira, mesmos com as variações existentes de acordo com as escolas e grupos, um aluno só vira professor, só é autorizado a dar aulas, depois de muito tempo de prática, raramente antes de pelo menos cinco anos, para aqueles mais participativos. Não é difícil encontrar grupos que só autorizam seus membros a darem aulas depois de alcançadas certas etapas que, poucas vezes, são alcançadas com menos de dez anos de capoeira. Portanto, a partir dessas questões, muitos capoeiristas começaram a identificar os que se filiaram aos CREFs, como capoeiristas ruins, de baixa qualidade e pouco conhecimento, discriminando alguns deles.

Apesar de grande parte dos capoeiristas se colocarem contra essa imposição do CONFEF/ CREF¹⁵, alguns grupos chegaram a se filiar aos Conselhos Regionais de suas respectivas cidades. Um exemplo disso é o convênio firmado entre a Confederação Brasileira de Capoeira (CBC) e o sistema CONFEF/ CREF em 2000. A partir desse convênio, os grupos associados a CBC, se viam obrigados a se filiarem aos respectivos CREFs. Em sentido contrário, formou-se a *Frente Unida pela Autonomia Profissional da Educação e das Tradições Populares*¹⁶. Essa Frente foi integrada não apenas por capoeiristas, congregando profissionais de diferentes áreas, como yoga, dança e algumas lutas marciais, que haviam sido atingidas pelas determinações do CONFEF/ CREF. A partir dessa *Frente* contra as imposições dos Conselhos de Educação Física, esses capoeiristas pediam a regulamentação da profissão de mestre e professor de capoeira. Nesse sentido, teriam suas próprias regulamentações, não dependendo de conselhos externos aos seus grupos. Por outro lado, as tensões internas, já abordadas acima, impediam e impedem que houvesse uma homogeneização que culminasse numa futura criação de **um** conselho responsável por organizar e regulamentar todas as esferas da capoeira.

¹⁵. Nos trabalhos de campo que realizei e nas cinco entrevistas de história oral realizadas com mestres de capoeira até o presente momento, todos os mestres se colocaram radicalmente contra essa imposição. Os mestres entrevistados foram: mestres Vilmar, Camisa e Russo, e contra-mestre Urubu, do Rio de Janeiro; e mestre Neco, de Salvador, Bahia.

¹⁶. Integraram essa frente a Federação ABADÁ – Capoeira do Estado do Rio de Janeiro, a Federação de Capoeira Desportiva do Estado do Rio de Janeiro, a Liga Niteroiense de Capoeira, a Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro, a Federação de Yoga do Estado do Rio de Janeiro e a Federação de Kung fu do Estado do Rio de Janeiro, dentre outras.

Com essas tensões cada vez maiores, muitas vezes culminando em processos judiciais, o Estado se viu com a responsabilidade de intervir e mediar essas relações. Nesse sentido, os mestres de capoeira tem conquistado o direito de ministrarem suas aulas, sem a obrigação de se filiarem aos CREFs, apesar desse ainda ser um terreno de disputas, não apresentando até o momento, uma resolução final. A partir de textos encontrados no *Jornal O Capoeira (COSTA, 2007)*¹⁷, essa disputa com os Conselhos de Educação Física seriam entendidas como uma nova perseguição aos capoeiras, fazendo alusão ao período da Primeira República, no qual a capoeira constou como crime previsto no Código Penal. Ainda segundo o mesmo artigo, se a capoeira foi vitoriosa diante dessas perseguições do passado, ganharia novamente, dessa vez mantendo um direito há muito tempo conquistado pelos seus mestres, de dar aulas e fazer com que seus saberes continuem vivos.

Por mais que essa determinação do CONFEF/ CREF seja entendida como arbitrária pelos capoeiristas, ela guarda vínculos com momentos específicos por quais passou a capoeira nas últimas décadas. Durante a década de 1970, procurou-se afirmar o caráter de luta da capoeira e, muitos grupos acabaram se vinculando a Federações de Pugilismo e organizando competições num padrão pugilístico. Hoje há, também, competições de capoeira de inúmeros grupos, porém atualmente tenta-se organizá-los a partir de características da própria capoeira, e não de alguma prática externa. Pode-se, ainda, perceber a origem desse entendimento da capoeira enquanto esporte e, portanto vinculada ao sistema CONFEF/ CREF, a partir das leituras presentes a partir das décadas de 1920, que procuravam afirmar a capoeira como a ginástica ou o esporte nacional por excelência. De certa maneira, o movimento iniciado na década de 1930 e as criações dos estilos Angola e Regional, resultando na institucionalização e desportivização da capoeira podem, igualmente, ratificar essa linha de pensamento que vê a capoeira como puramente um esporte. Mesmo considerando o caráter desportivo presente tanto na Regional, como na Angola, essa visão puramente esportiva da capoeira, desconsidera elementos que os capoeiristas, assim como os criadores dessas

¹⁷. COSTA, Neuber Leite (Mestre Soldado). Se eles são Exu eu sou Iemanjá: a peleja da capoeira contra o Conselho de Educação Física (primeira parte). *Jornal O Capoeira*, ano 01, nº 04, Salvador, Bahia. Março e Abril de 2007. Esse é um jornal vendido na Associação Brasileira de Capoeira Angola (ABCA), localizada no Pelourinho, em Salvador, Bahia. É distribuído também no exterior, nos seguintes países: Portugal, Argentina, Chile, Bolívia, México, Itália, Espanha, França, Suécia, Dinamarca, Bélgica, Noruega, Estados Unidos, Japão e Coréia, sendo todo o jornal escrito em português.

duas vertentes, fizeram e fazem questão de ressaltar, que é o aspecto ritual e a grande atenção dada às tradições presentes nessas práticas.

Nesse sentido, pode-se observar que, se por um lado, a capoeira por si só já se mostra um terreno arenoso, complicado de se definir, no qual vivem em disputa diferentes estilos, memórias e tradições, todas almejando o posto de saber autêntico. Por outro, essas relações com órgãos externos, como é o caso do CONFEF/ CREF, criam uma nova arena de disputas, nas quais tradições, já consolidadas, se vêem obrigadas a (re)definirem seus campos de ação e a (re)mobilizarem memórias com a finalidade de se legitimarem e resistirem frente novos desafios. Essas questões têm desembocado numa ressignificação do *campo* da capoeira e tem provocado mudanças, como a demanda por uma regulamentação da profissão de mestre e professor de capoeira e, como todo *campo*, por definição, encontra resistências e adesões.

Bibliografia

ALBERTI, Verena. *História Oral – a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro; Editora FGV: 1990.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar. Textos em história oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004, p.13-31.

ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da história.” In: Pinsky, Carla (org.) *Fontes históricas*. São Paulo, Contexto, 2005, p.155-202.

ALBERTI, Verena. “Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras.” *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. São Paulo, ABHO, v. 8, n.1, jan.-jun. 2005, p. 11-28.

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 2ª edição revista e atualizada. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

ALBERT, Jean-Pierre. “Lo que dice la palabra (y que a menudo se pierde).” *Historia, Antropología y Fuentes Orales*. Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 30, 2003, p. 65-81.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 8ª edição, Rio de Janeiro; Bertrand Brasil: 2005.

_____. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRASIL. Lei no 9.696, de 1º de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2 set.1998.

BRETAS, Marcos Luiz. “Navalhas e Capoeiras: uma outra queda”. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro. V.10, n.59, p. 56-64, nov. 1989.

_____. “A queda do império da navalha e da rasteira (a República e os capoeiras)”. *Estudos afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 239-256, jun. 1991.

BURLAMAQUI, Aníbal. *Gymnastica Nacional (Capoeiragem) Methodisada e Regrada*. Rio de Janeiro, 1928.

CABRAL, João de Pina. “Semelhança e verossimilhança: horizontes da narrativa etnográfica” *Mana*. Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro, PPGAS, Contracapa. Volume 9, n. 1, abril 2003, p.109-122.

CALLIGARIS, Contardo. “Verdades de autobiografias e diários íntimos.” *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, n.21, 1998/1.

CAVIGNAC, Julie A. “Destinos migrantes: representações simbólicas, histórias de vida e narrativas.” *Campos*. Revista de Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná. 01, 2001,p. 67-97.

CASTRO, Celso. “In Corpore Sano – os militares e a introdução da Educação Física no Brasil. *Antropolítica*. Niterói, n.2, p. 61-78, 1. sem 1997.

CHARTIER, Roger. “Textos, Impressos, Leituras”. In: *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa/ Rio de Janeiro, Difel/ Bertrand, 1990.

_____. “O mundo como representação”. In: *Estudos Avançados*, n. 11, vol. 5. 173-191.

CHARTIER, Roger. “A história hoje: dúvidas, desafios, propostas”, em *Estudos Históricos*, n. 13, Rio de Janeiro.

COELHO NETO. *O nosso jogo: bazar*. Porto. Chardron, 1928.

CONFED. *Resolução 046/02, de 18 de fevereiro de 2002*. Dispõe sobre a Intervenção do Profissional de Educação Física e respectivas competências e define os seus campos de atuação profissional. Rio de Janeiro, Fev. 2002b. Disponível em <http://www.confef.org.br>, Acesso em: 16 mai. 2002.

COSTA, Neuber Leite (Mestre Soldado). Se eles são Exu eu sou Iemanjá: a peleja da capoeira contra o Conselho de Educação Física (primeira parte). *Jornal O Capoeira*, ano 01, nº 04, Salvador, Bahia. Março e Abril de 2007.

DUCROT, Oswald. “Dizível/indizível.” *Enciclopédia Einaudi*. Linguagem-enunciação. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, v. 2, p. 458-476.

GENETTE, Gérard. “Fronteiras da narrativa.” In: Barthes, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, Vozes, 1976, p. 255-274.

GOODY, Jack (ed.). *Literacy in traditional societies*. Cambridge, Cambridge University Press, 1968.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1, Memória-História. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 11-50.

LEH, Almut. “Problemas éticos y testimonios históricos.” *Historia, Antropología y Fuentes Orales*. Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 29, 2003, p. 155-165.

LLORCA, Marlene Albert. “La memoria de las narraciones de tradición oral, una rememoración creadora.” *Historia, Antropología y Fuentes Orales*. Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 30, 2003, p. 83-90.

LICHTBLAU, Albert. “Consideraciones sobre la historia audiovisual.” *Historia, Antropología y Fuentes Orales*. Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 34, 2005, p. 135-142.

LOEZ, Delphine & MANSOURI, Arno. *Capoeira, danse de combat*. Paris. Editions Demi-Lune & Asa Editions, 2005.

LOPES, André Luiz Lacé. *Capoeiragem no Rio de Janeiro, no Brasil e no Mundo*. Literatura de Cordel, 2ª edição. Rio de Janeiro, 2005.

LOPES, André Luiz Lacé. *Capoeiragem no Rio de Janeiro, no Brasil e no Mundo* (Manuscritos produtos da pesquisa para o referido livro). Rio de Janeiro, 2005.

LOS RIOS, Adolfo Morales de. “Capoeiras e capoeiragem”. In: *Rio Esportivo*. Rio de Janeiro, setembro-outubro, 1926.

MARINHO, Inezil Penna. *A Oportunidade da criação da carreira de técnico de educação física*. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1944.

_____. *A Ginástica brasileira* (Resumo do Projeto Geral). 2ª Edição. Brasília, 1982.

MELO, Victor Andrade de. “Inezil Penna Marinho: notas biográficas”. In: FERREIRA NETO, Amárlío (org.). *Pesquisa Histórica na Educação Física*. Volume 3. Aracruz. Ed. Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998.

MORAES FILHO, Mello. “Capoeiragem e Capoeiras Célebres”. In: *Festas e Tradições Populares do Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia Editores, 1946.

MURICY, Antônio Carlos. Documentário intitulado *Pastinha: uma vida pela capoeira!* Rio de Janeiro, 1998.

NOZAK, Hajime T. *Educação Física e Reordenamento no Mundo do Trabalho: Mediações da Regulamentação da Profissão*. 2004, 399pp. Tese (doutorado) Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói.

PEREIRA, Roberto. *A Formação do Balé Brasileiro*. 1ª edição. Rio de Janeiro, FGV: 2003.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1989, v. 2, n. 3, p. 3-15.

_____. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1992, v. 5, n. 10, p. 200-12.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. *A Capoeira no Jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)*. Dissertação de Mestrado apresentada na Unicamp. 1996.

_____. “A Capoeira: política cultural no mundo das letras e conflitos simbólicos no Brasil Republicano (1890-1950)”. In: OLIVEIRA, Rosy de & PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões (orgs.). *Sociabilidades Negras – comunidades remanescentes, escravidão e cultura*. Belo Horizonte. Editora Gráfica Daliana Ltda, 2006.

REIS, Leticia V. de Souza. *O Mundo de Pernas para o Ar – a capoeira no Brasil*. São Paulo; Publisher Brasil: 1997.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição: os capoeiras na Corte Imperial 1850 - 1890*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Access, 1999.

_____. “A capoeiragem baiana na Corte Imperial. 1863 – 1890”. *Afro-Ásia*, Salvador, v. 24, p. 243-291, 1999.

_____. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro 1808 - 1850*. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp/ CNPq/ Fapesp/ Cecult, 2001.

VASSALO, Simone Ponde. “Capoeiras e intelectuais: a construção da capoeira autêntica”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 2003, v.2, n. 32, p. 106-124.

VELHO, Gilberto. “Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas.” In: *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1981, p.13-37.

VILANOVA, Mercedes. “Rememoración en la historia.” *Historia, Antropología y Fuentes Orales*. Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 30, 2003, p. 23-40.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro; Relume Dumará: 2002.

_____. “Une expérience de sociologie charnelle – Entretien avec Loïc Wacquant. In: *Société, Solidarités*. Paris, n.29-16 Juin 2003.